



## Cursos e Coordenação de Graduação

Trabalho desenvolvido pelo bolsista Prodap: LABELY RAIRAI CONSELHO  
(aluna de jornalismo/Bolsa Prodap)

Orientação: Profa. Ma. Maria Oscilene de S. Fonseca

**Prof dr. Marcelo Alario Ennes – Departamento de Ciências Sociais**

Natural de São Paulo, Marcelo Ennes veio para Sergipe por meio de concurso público, especialmente por entender que a educação no Nordeste ainda era um desafio. Na época, apesar de possuir outras opções, ficou com Itabaiana.



*“O fato de ter estendido o ensino superior não resolvia os problemas da educação básica, mas também, me parece, que não dava para esperar resolver todos os problemas da educação básica para depois fazer a expansão do ensino superior. É preciso lembrar que o Brasil tem poucos jovens nas universidades, atrás, inclusive, de países latino-americanos como a Argentina. Além disso, a educação superior é um poderoso instrumento de mobilidade social e contribui para a diminuição das desigualdades sociais.”*

*O discurso de que a “universidade não é para todos”, recentemente lembrado pelo Ministro da Educação \*Ricardo Vélez Rodríguez, revela um pensamento ainda arcaico e internalizado, que difunde um dos maiores desafios da educação. De fato, em nenhum país do mundo 100% da população possui ensino superior. No entanto, é preciso lembrar que, em um país como o Brasil,*

*onde os números revelam que cerca 15% de jovens estão nas universidades, o percentual ainda é muito pequeno.*

Graduado em Ciências Sociais, com mestrado e doutorado em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Unesp, e pós-doutorado pelo Centro de Estudos sobre Migrações e Relações Interculturais/CEMRI, Universidade Aberta, Lisboa-Portugal, Marcelo Ennes foi diretor do Campus Prof. Alberto Carvalho de 2008 a 2012. Atualmente, é Professor Associado III do Departamento de Ciências Sociais/DCS. É também membro permanente do corpo docente e Coordenador do Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe, que oferta cursos acadêmicos de mestrado e doutorado, Líder do Grupo de Pesquisa Processos Identitários e Poder/GEPPIP, e coordenador do Núcleo de Acolhimento de Imigrantes e Refugiados – NAIR/PROEX.

### **O cenário atual da educação no Nordeste e os desafios ainda encontrados pelos educadores**

“Quando cheguei a Sergipe, ainda havia algumas discussões contra o Reuni e a expansão. Parte da comunidade acadêmica era contrária à expansão. Sempre considerei isso algo profundamente elitista. Mas tinha em mente o que havia acontecido com a educação básica pública durante o processo de universalização. Então, de fato, os desafios se apresentavam”.

O professor explica que, até a década de 1960, a educação básica era muito restrita, era apenas para “meia dúzia”, por isso, esse período não pode ser utilizado como referência. Quando houve a popularização, a universalização da educação básica, durante o Regime Militar, foi feita com o prejuízo da qualidade de ensino. Esse problema englobava tanto questões curriculares quanto a estrutura física das escolas. Hoje, sabemos que a desvalorização do sistema educacional foi o preço da popularização, da universalização da educação, nos moldes realizada. O medo era que isso se repetisse na universidade com a ampliação do acesso à universidade pública.

*“É uma questão da qual sempre sou a favor. Contudo, lembro: é necessário ter esse cuidado com a qualidade do ensino, porque, se temos algo bom no país, são as universidades públicas. Há um argumento segundo o qual primeiro devemos melhorar a educação básica, depois o ensino superior. Isso é verdade; embora uma coisa não elimine outra. O fato de expandir o ensino superior não resolvia os problemas da educação básica, mas também não dava para esperar resolver todos os problemas da educação básica para depois criar o ensino superior. Existe a necessidade de acelerar o ciclo de*

*reestruturação social já que a educação superior é um importante fator de mobilidade social”, enfatiza.*

**Entre as ações mais emergenciais, de tentativa de melhoria da educação superior, Marcelo considera a EaD, a Educação a Distância, e a criação do Reuni, no Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, elementos decisivos na realização de mudanças positivas.**

“Eu, particularmente, entendo o Reuni como um dos maiores projetos da era do Lula, do PT no Governo Federal. Então, esse foi um dos fatores que me motivaram a vir para Sergipe e, depois que cheguei, essa expectativa se concretizou”, afirma.

Com a criação do campus de Itabaiana e de todo o projeto de interiorização do governo Lula, que se materializou com o Reuni, o ensino superior público de qualidade pôde alcançar o interior do país, deixando de estar concentrado somente nas grandes cidades e capitais, para ser presente também nas cidades do interior, como no agreste sergipano, no caso de Sergipe.

**Com enorme satisfação, o professor fala sobre uma de suas primeiras experiências como educador no Estado.**

“Lembro que, na nossa primeira turma de Pedagogia, aplicamos um questionário em sala de aula. Os resultados então constataram que, cerca de 50% dos pais de nossos alunos, eram analfabetos. Isso sinaliza que, de uma geração para outra, pais que não sabiam ler nem escrever e, anos depois, filhos em uma universidade. Então é um avanço enorme. Algo fabuloso!”

Segundo o professor, essa realidade, de certa maneira, indicava o acerto. Isto é, evidentemente, pessoas originárias de famílias sem recursos financeiros – ao qual a sociologia refere-se como “capital social ou cultural”, define um perfil de estudante diferente do perfil de um aluno que tem acesso à internet, aos livros e revistas, desde a mais tenra juventude. E Marcelo acredita que o desafio seja justamente esse.

“É de suma importância que esse grupo social conquiste espaço na universidade, pois há expectativa de que eles se tornem protagonistas da própria história, possibilitando que se possa começar a romper, aos poucos, os ‘vínculos de dependência’. A esperança é que esses estudantes obtenham formação, e de alguma forma, possam garantir diferenças em algum nível –

seja em renda, em visão de mundo, cidadania ou melhoria de condições de vida”.

*O discurso de que a “universidade não é para todos”, recentemente lembrado pelo Ministro da Educação \*Ricardo Vélez Rodríguez, revela um pensamento ainda arcaico e internalizado, que difunde um dos maiores desafios da educação. De fato, em nenhum país do mundo 100% da população possui ensino superior. No entanto, é preciso lembrar que, em um país como o Brasil, onde os números revelam que cerca 15% de jovens estão nas universidades, o percentual ainda é muito pequeno.*

Diante dos impasses, o professor acredita que os desafios ainda sejam muitos, mas que o iniciado alcançou, em parte, algum resultado, e possui boas perspectivas para o futuro. “Eu diria que, tanto a expansão universitária quanto a universalização do ensino a distância, foram um grande aprendizado. Se tivermos a chance de reavaliar essas dinâmicas, espero, em um futuro próximo, que esse ciclo conservador – de que o ensino superior é para poucos – encerre-se o mais rápido possível, para que possamos tirar lições e deixar raízes mais profundas e, efetivamente, construir um Brasil mais democrático e mais justo.”